

A epigrafia pré-latina de Bensafrim

Virgílio Hipólito Correia*

Resumo

Este trabalho é um ensaio de análise do maior conjunto de textos da Idade do Ferro do Sudoeste: as lápides de Bensafrim (Lagos, Algarve).

A antroponímia identificada revela um panorama linguístico complexo, mas a compreensão cabal dos textos não é ainda possível. O método, todavia, parece ser adequado.

A estrutura das inscrições pode indicar que o formulário se baseava em referências genealógicas e funcionais, com objectivos honoríficos.

Abstract

This paper suggests a method for the analysis of the larger group of texts of the Southwest Iberian Iron Age: the inscriptions from Bensafrim (Conc. Lagos, Algarve).

The personal names identified on the stones show the existence of a complex linguistic situation, although the complete understanding of the texts is not, as yet, possible. The method however, seems to be adequate.

The structure of the inscriptions probably indicates that the formula chosen was based on genealogical and functional references, with honorific purposes.

* Museu Monográfico de Conimbriga.

Journal of the American Medical Association

Volume 177, Number 1, July 1959

Original Articles
The Effect of the "Mental Health" Act of 1956 on the Hospitalization of Mental Patients in the United States
The Effect of the "Mental Health" Act of 1956 on the Hospitalization of Mental Patients in the United States
The Effect of the "Mental Health" Act of 1956 on the Hospitalization of Mental Patients in the United States

Editorial
The Effect of the "Mental Health" Act of 1956 on the Hospitalization of Mental Patients in the United States
The Effect of the "Mental Health" Act of 1956 on the Hospitalization of Mental Patients in the United States
The Effect of the "Mental Health" Act of 1956 on the Hospitalization of Mental Patients in the United States

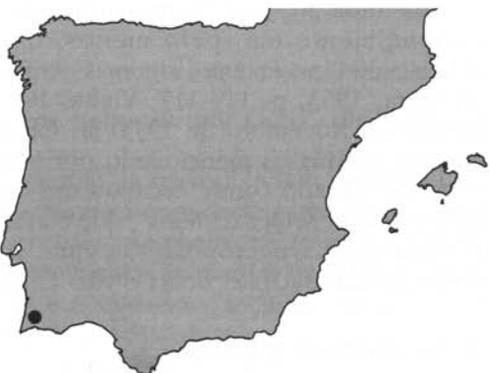
Published weekly, except biweekly the last two issues of the year.

Subscription prices: \$12.00 per year in advance, including postage and handling charges.

1. Historial

1.1. A arqueologia de Bensafrim

Entrado já, provavelmente, o último quartel do século passado o Rev. Padre Manuel José de Barros, prior de S. Sebastião (Lagos), adquiriu (de terrenos de sua propriedade?) duas lápides epigrafadas da Idade do Ferro que, em 1878, ofereceria a Sebastião Philippes Martins Estácio da Veiga, enviado pela Academia das Ciências de Lisboa a verificar os estragos que grandes cheias tinham provocado no património da província, labor que viria a ser traduzido nas *Antiguidades Monumentais do Algarve*. Estácio da Veiga (1891, p. 251-257) levaria a cabo escavações no local e encontraria, reaproveitada numa sepultura, uma outra lápide.



A importância do sítio arqueológico atrai a atenção de José Leite de Vasconcellos, que viria a adquirir, para o Museu Etnológico (hoje Museu Nacional de Arqueologia), uma quarta lápide.

O sítio viria ainda a ser escavado por António dos Santos Rocha (1897) que, por sua vez, encontraria uma lápide (aquela, aliás, que conserva um texto mais extenso e em melhores condições de conservação) que também se encontrava reaproveitada na construção de uma cista. Pertence hoje, entre outro material de Bensafrim, ao Museu Municipal Dr. Santos Rocha, da Figueira da Foz.

Foram-se repetindo achados, já não de lápides (Rocha, 1904; Viana, 1955, p. 554), e outras pesquisas não sistemáticas tiveram ainda lugar nos anos 30 do nosso século (Viana, Formosinho e Ferreira, 1953, p. 114-7), mas o local arqueológico chegou a ser dado como perdido da memória das gentes, locais e estudiosas (Beirão, 1986).

Já nos anos 90 a sistematização da Carta Arqueológica permitiu referenciar de novo o local (Cf. Correia, 1996, p. 163, n.º 5).

1.2. O local arqueológico da Fonte Velha

Estácio da Veiga (1891, p. 251-252), refere-se a um local chamado Fonte Velha, ou Selões da Mina, situado 1200 metros a Oeste da torre da Igreja de Bensafrim, como o local onde tiveram lugar os achados epigráficos e também aquele onde levou a cabo as escavações.

Estas tiveram lugar em propriedade de Joaquim da Glória, parcela contígua à Courela dos Bravos, onde se reconheciam vestígios de continuação da necrópole, existindo outros vestígios que o sítio arqueológico continuava na direcção oposta, pela courela pertencente a Inácio do Álamo (onde Santos Rocha viria a escavar) e ainda noutra contígua a esta, propriedade de Manuel José de Barros, que pode ser aquela onde tenham sido achadas as lápides.

Santos Rocha (1908) escavou na referida courela de Joaquim da Glória (pertencia então a João dos Santos), à volta dos limites da escavação de Estácio da Veiga, e na contígua, que indica pertencer a José Valentim Correia (antes pertencente a José Álamo). Existe um mapa que relaciona estas escavações com as anteriores (Cf. Rocha, 1897, p. 129) (fig. 1).

Nos anos 30, José Formosinho, Director do Museu de Lagos, escava ocasionalmente em, pelo menos, dois pontos do sítio arqueológico, estabelecendo, no entanto, algumas confusões toponímicas (Viana, Formosinho e Ferreira, 1953, p. 114-117; Viana, 1955, p. 45). Chama "O Álamo" (onde escavou em Novembro de 1933) ao local onde identifica as courelas de José Valentim Correia (o mencionado por Santos Rocha?) e dos Bravos, e chama Monte do Cágado (onde escavou em Dezembro de 1934) a um ponto mal localizado nos "Selões da Mina", que corresponde à localização dada por Estácio da Veiga para a necrópole. Os vinte anos decorridos da escavação até à publicação das sucintas notícias não terão contribuído para a precisão destas.

1.3. O contexto da epigrafia

O sítio arqueológico da Fonte Velha de Bensafrim, é formado por uma extensa necrópole com duas fases de utilização. Uma data-se na Idade do Ferro, que é onde se encontra a epigrafia. Esta é coberta por outra, uma necrópole romana de incineração (*in loco*, como estabeleceu Santos Rocha[1895]) de época imperial (Santos, 1971; Alarcão e Alarcão, 1964).

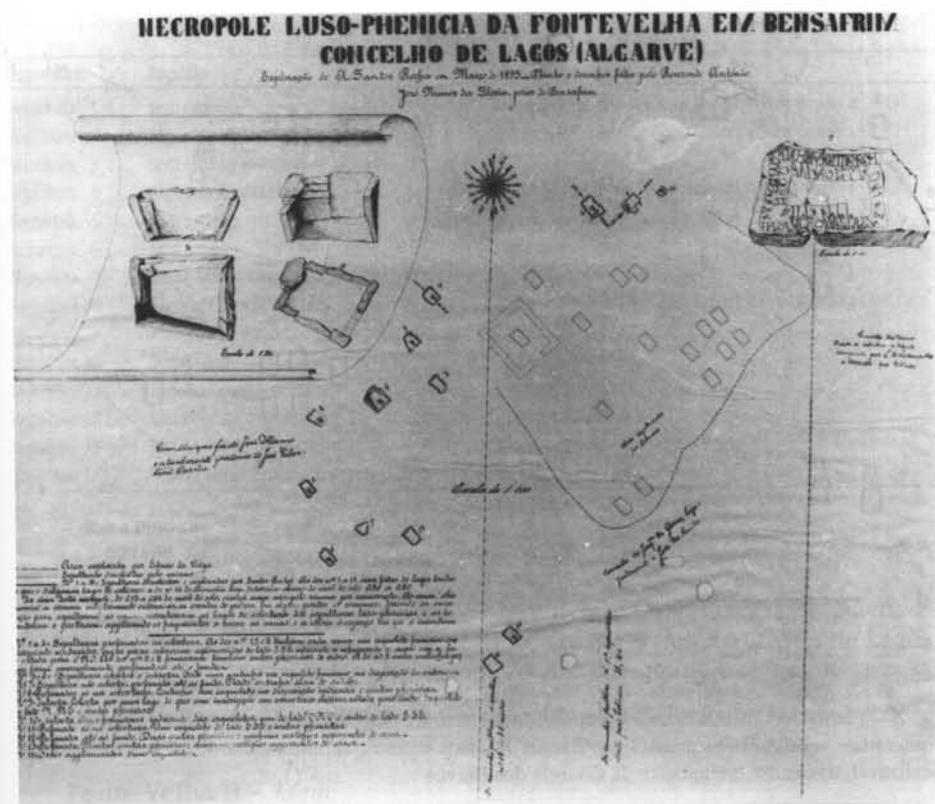


Fig. 1 – “Necrópole Luso-Fenícia da Fonte Velha em Bensafrim, Concelho de Lagos (Algarve). Exploração de A. Santos Rocha em Março de 1895 – Planta e desenhos feitos pelo Reverendo António José Nunes da Glória, prior de Bensafrim”. Museu Municipal Dr. Santos Rocha, Figueira da Foz.

A necrópole da Idade do Ferro era composta por cistas construídas por lajes de grés e calcário.

Conhecem-se desta fase, na zona central da necrópole (excluindo portanto as sepulturas escavadas por J. Formosinho no Monte do Cágado, oito no total), trinta sepulturas, todas elas construídas, segundo as informações dos escavadores, por grandes lajes de que dois pares formavam os lados e duas os topos. A pouca documentação existente é suficiente, todavia, para desmentir esta simplicidade e homogeneidade (fig. 2).

Nas cistas inumaram-se indivíduos acompanhados por raro espólio. Para além disso muitas delas foram encontradas violadas.

Das sepulturas escavadas por Estácio da Veiga conhecem-se apenas quatro conjuntos individualizados de materiais, dos quais só um é atribuível a uma sepultura precisamente localizada. Não está tampouco identificada a sepultura em que estava reutilizada a lápide recolhida nas escavações.

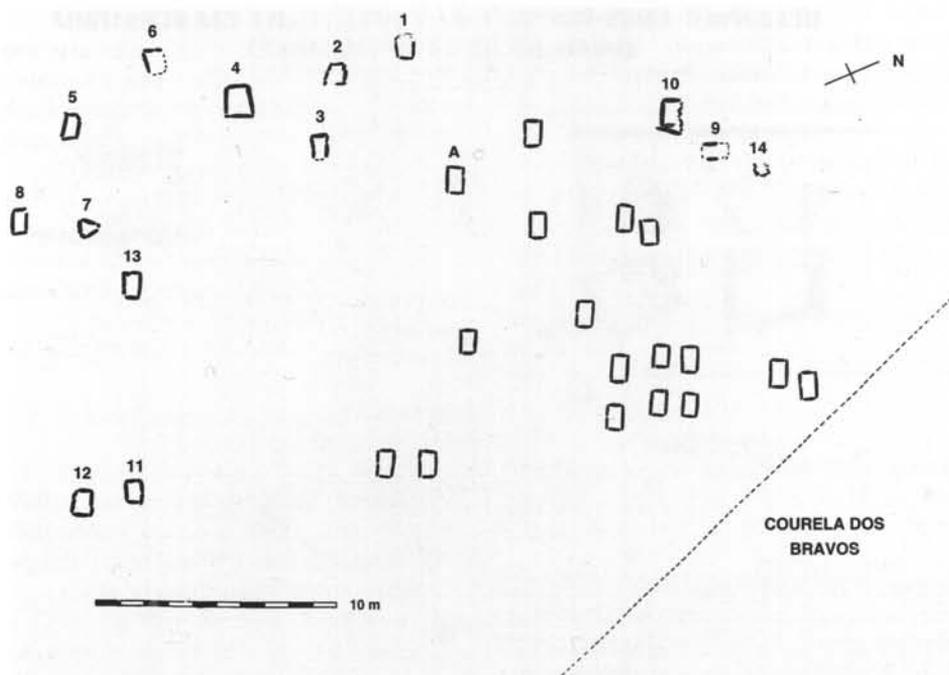


Fig. 2 – Planta reconstituída da necrópole de Bensafrim, segundo a figura anterior e Veiga 1891. Numeradas: sepulturas escavadas por Santos Rocha; A: única sepultura escavada por E. da Veiga localizável; tracejado: limite oeste da Courela dos Bravos.

Os conjuntos individualizáveis são os seguintes:

– sepultura identificada na primeira vala de escavações, não localizada: um anel de cobre (Veiga, 1891, p. 252-3 e est. 29-2) e um colar de contas de vidro azul (*id. ibid.*, est. 28-2).

– sepultura localizada sob construções posteriores (Cf. fig. 2, A): um anel de ouro (*id. p.* 254, est. 28-1), um colar de contas de vidro azul escuro (*id. ibid.*) e três braceletes de bronze (*id. ibid.* est. 29-1, 3 e 4.).

– sepultura não localizada: dois objectos de ferro (*id. p.* 255, est. 29-18 e 19), um colar de contas pretas oculadas a branco (*id. ibid.*, est. 28-5) e duas argolas de bronze (*id. ibid.* est. 29-10 e 11).

– sepultura não localizada: um colar de contas multicolores (*id. ibid.* est. 28-6) e uma ponta de lança em ferro (*id. ibid.* est. 29-17).

Santos Rocha deixou, à margem do mapa das suas escavações, uma lista das sepulturas escavadas, com um parco cômputo dos espólios respectivos, que se limitavam a contas de colar (sobre as contas, cf. Dias, Beirão e Coelho, 1971). Identificou ainda a sepultura onde recolheu a lápide reutilizada.

As suas observações sobre as sepulturas são resumidas no quadro 1.

QUADRO 1

Sepultura	Espólio	Tipo de enterramento
Sepultura 1	Sem espólio.	Enterramento em decúbito lateral, talvez virado a ONO
Sepultura 2	Algumas contas de colar.	Enterramento em decúbito lateral, talvez virado a ONO
Sepultura 3	Sem espólio (totalmente violada?).	?
Sepultura 4	Algumas contas de colar	Enterramento em decúbito lateral, talvez virado a ONO
Sepultura 5	Sem espólio.	Enterramento em decúbito lateral, talvez virado a ONO
Sepultura 6	Sem espólio.	Enterramento em decúbito lateral, talvez virado a ONO
Sepultura 7	Totalmente violada.	?
Sepultura 8	Algumas contas de colar.	Enterramento em decúbito lateral, talvez virado a ONO
Sepultura 9	Algumas contas de colar. Inscrição	Enterramento virado a NNE.
Sepultura 10	Sem espólio.	Dois enterramentos.
Sepultura 11	Algumas contas de colar.	Um enterramento.
Sepultura 12	Duas contas de colar.	Um enterramento.
Sepultura 13	Muitas contas de colar.	Nenhum vestígio de enterramento.
Sepultura 14	"Ossos aglomerados de um esqueleto"	?

Observações feitas sobre as sepulturas da Idade do Ferro detectadas nas escavações de A. Santos Rocha.

J. Formosinho também localiza e identifica a proveniência dos achados (pelo menos os que, à data da publicação, se conservavam no Museu de Lagos). No que diz respeito às lápides epigrafadas, é o seguinte o seu contexto:

Fonte Velha I – Encontrada (numa sepultura?) pelo Prior Manuel José de Barros. Oferecida a Estácio da Veiga em 1878.

Fonte Velha II – *Idem*.

Fonte Velha III – Hubner (1893, p. 200, *s.v.* LXXIV) estabelece uma confusão quando atribui esta lápide ao Museu do Algarve. Segundo a *scholia* autógrafa de J. Leite de Vasconcelos:

In Museo Algarbiensis nunquam fuit, ut Hubner dicit, sed tantum y totius qui lapidem Bensafrim in vico vidit, ectypum ad eum misit. – Lapis a me in Algarbio emptus est Patre Josepho Joachino Nunes adintore. Hodie in Museo Ethnologico Portugalensis, Olisipone, sed meus est.

Cf. Estacio IV, 285 e 251 ss, est. XXXVI

Segundo o mapa das escavações de Santos Rocha (fig. 1), proviria da Courela dos Bravos.

Fonte Velha IV – Epígrafe perdida. Não existem informações precisas sobre o seu achado nem sobre o seu destino, tendo restado tão só o desenho, aliás incompreensível, das *Antiguidades Monumentais do Algarve* (Veiga, 1891, est. 36). A esta pedra se pode aplicar a frase de Estácio da Veiga (1891, p. 254): *As pedras com inscrições peninsulares acham-se em todo aquelle campo...*

Fonte Velha V – Trata-se da lápide encontrada por Estácio da Veiga (1891, p. 254) nas suas escavações, que não é então reproduzida por dificuldades de leitura (está, realmente, muito erosionada). Um desenho – ainda que problemático – viria, todavia, a entrar no circuito das publicações, logo desde 1893 (*Monumenta Lingua Ibericae*).

Fonte Velha VI – Recolhido por Santos Rocha nas suas escavações, onde foi localizada fazendo parte (reaproveitada) da construção da sepultura n.º 9.

Grafito – Recolhido nas escavações de Estácio da Veiga em sepultura não identificada, não sendo sequer mencionado pelo autor, que apenas o ilustra (na contracapa do volume IV das *Antiguidades Monumentais do Algarve*. Cf. Beirão e Gomes, 1985).

Pedra gravada não considerada em publicações epigráficas – O seu carácter de epígrafe pré-latina é discutível. Contexto e destino idêntico ao de Fonte Velha IV (Cf. Veiga, 1891, est. XXXVI).

QUADRO 2

Designação	Hubner 1893	Schmoll 1961	Moreno 1968	Maluquer 1968	Beirão et al. 1980	Correa 1985	Beirão 1986 (=Correia 1996)	Untermann 1995 (MLH)	N.º Inv. MNA
Fonte Velha I	LXII	11	IV	303	19	4	9	J.1.3	998.34.1
Fonte Velha II	LXXI	10	III	302	20	3	10	-	998.35.1
Fonte Velha III	LXXIV	13	I	301	21	1	11	J.1.2	998.36.1
Fonte Velha IV	-	-	-	-	22	-	12	-	-
Fonte Velha V	LXXIII	12	V	304	23	5	13	J.1.5	998.37.1
Fonte Velha VI	-	15	II	305	58	2	15	J.1.1	-
Grafito	-	-	-	-	-	-	-	-	998.38.1

Concordância das referências à epigrafia de Bensafrim.

2. A Epigrafia

2.1. Fonte Velha I

A lápide I da Fonte Velha de Bensafrim é uma estela rectangular bem talhada, em grés de cor amarelada, que se apresenta com muitas manchas escuras, como se a lápide tivesse sido sujeita à acção de fogo. Toda ela está muito erosionada, de tal forma que na parte superior não é legível a inscrição. As suas presentes dimensões são 66 × 53 cm (figs. 3 e 4).

O campo epigráfico, rectangular, que teria originalmente mais de 40 cm de alto e os actuais 30 cm de largo (aproximadamente), ocupa toda a face do suporte e encontra-se delimitado por cartelas.

A inscrição que ocupa as margens do campo epigráfico é constituída por signos com dimensão oscilante entre 5 e 8 cm. Desenvolve-se numa única linha, em espiral, que acompanha o rectângulo do suporte (efeito reforçado pelas cartelas, que marcam bem a parte inferior destinada à fixação – e por isso o início – da inscrição).

A primeira parte da inscrição não é recuperável. O 2.º e o 3.º signo não se identificam, hesitamos em intercalar um outro entre o 5.º e o 6.º. (Vd. transcrição, fig. 5).

Do ponto de vista paleográfico, esta inscrição, que de uma maneira incomum tem os seus signos extrovertidos (com a base para as margens do campo epigráfico, e não para o centro como é vulgar), demonstra alguma imperfeição no traçado dos signos.



Fig. 3 – Inscrição Fonte Velha I. Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa. Fotografia do Arquivo Nacional de Fotografia.



Fig. 4 – Levantamento de Fonte Velha I (segundo Beirão, 1986).

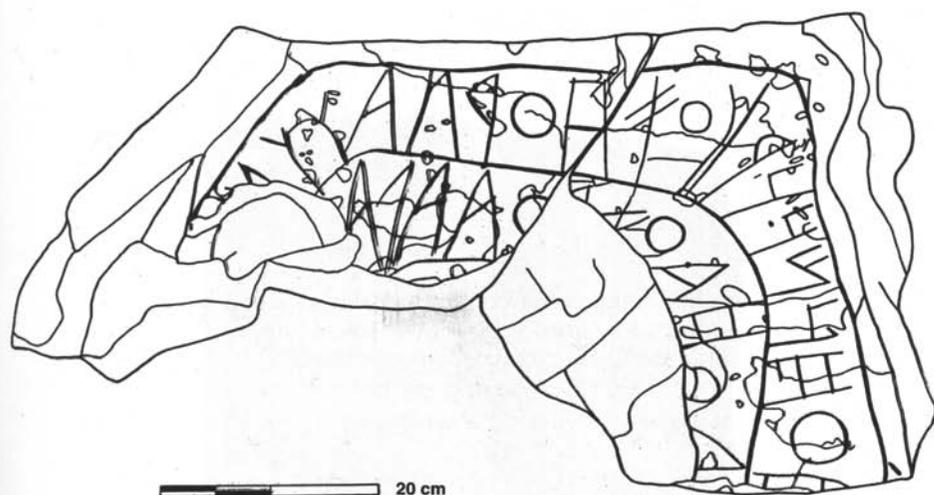


Fig. 7 – Levantamento de Fonte Velha II (segundo Beirão, 1986).

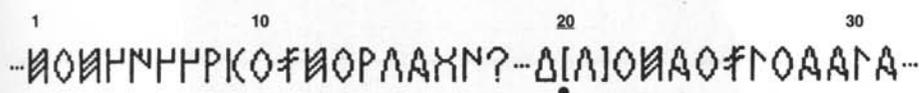


Fig. 8 – Transcrição de Fonte Velha II (Correia, 1996, s.v.).

2.3. Fonte Velha III

Estela rectangular bem talhada, com uma inscrição bem distribuída à volta de uma cartela central que desenha uma parábola.

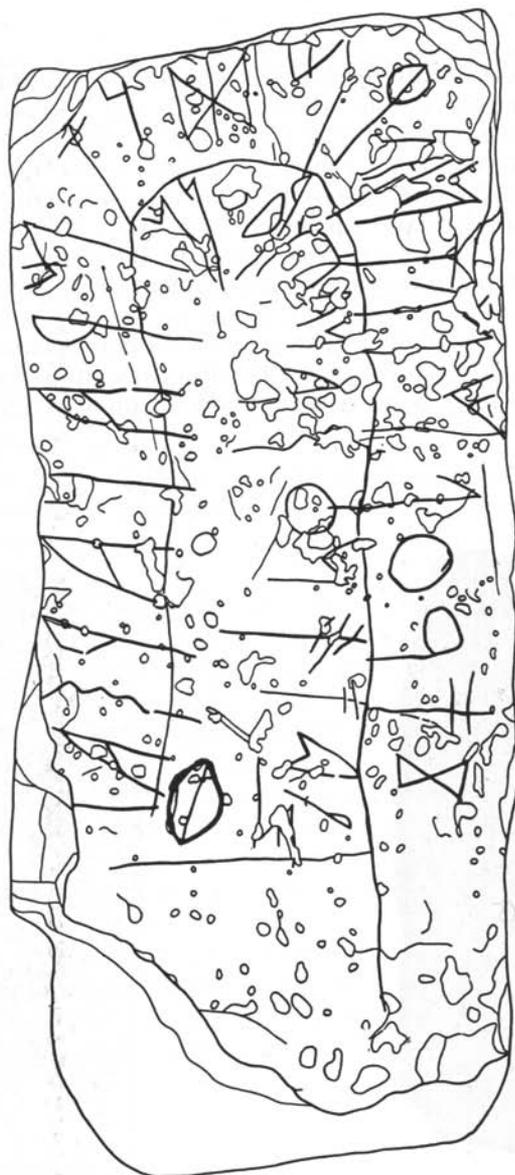
A lápide conserva-se praticamente intacta, as suas dimensões são 114×51 cm. O grés (ou arenito?) em que foi talhada apresenta uma erosão de tipo muito particular, que forma pequenos alvéolos que, sem chegarem a verdadeiramente impossibilitar a leitura tornam a reprodução da epígrafe, em boas condições, praticamente impossível (figs. 9 e 10).

Os signos são, por vezes de difícil leitura, mas a transcrição (fig. 11) parece-nos segura. Só o 25.º signo não é identificável.

A paleografia desta inscrição é particularmente importante. As variantes escolhidas para o 1.º signo (quanto a nós *t(a)*) e para o 14.º (quanto a nós *k(o)*) constituem uma das razões que nos levam a divergir do consenso sobre o valor fonético do signário (V.d. *infra*, nota ao quadro 6).



Fig. 9 – Inscrição Fonte Velha III. Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa. Fotografia do Arquivo Nacional de Fotografia.



20 cm

Fig. 10 – Levantamento de Fonte Velha III (segundo Beirão, 1986).

1 10 20 30 40
XFCOINNYNTFNWIFNPAHAPSA?ONPΔF#NOSANAKPDONN

Fig. 11 – Transcrição de Fonte Velha III (Correia, 1996, s.v.).

2.4. Fonte Velha V

Estela em grés de Silves que, no seu estado actual, denuncia o seu formato original, rectangular, e permite adivinhar, mais que apreciar, o seu primitivo bom talhe. Mede, actualmente, 111 x 39

A inscrição ocuparia toda a face do suporte, numa única linha sinistrorsa que desenharia uma parábola. Os signos têm entre 8 e 12 cm de altura.

Muito erosionada, esta lápide permite ainda assim uma transcrição segura da sua inscrição (fig. 14), mas já não do que parecem ser outros signos mais levemente grafitados (visíveis no levantamento e considerados em Correia, 1996, s.v).

A paleografia acusa algumas particularidades nomeadamente nos 9.º e 15.º signos (neste último, dado o mau desenho, hesitamos em ver uma haste independente logo antes dele), não existindo um modelo rígido para o traçado dos *ii*, dos *nn* ou dos *uu*.



Fig. 12 – Inscrição Fonte Velha V. Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa. Arquivo Nacional de Fotografia.



Fig. 13 – Levantamento de Fonte Velha V (segundo Beirão, 1986).

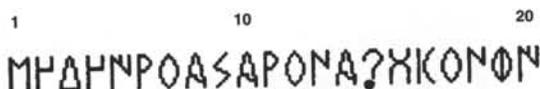


Fig. 14 – Transcrição de Fonte Velha V (Correia, 1996, s.v.).

2.5. Fonte Velha VI

A maior inscrição de Bensafrim foi gravada numa grande estela rectangular, de bom talhe (ainda que o formato da laje tal como foi extraída seja ainda perceptível), de grés vermelho.

Está fracturada, o que provoca ligeiras e pouco importantes falhas no campo epigráfico, apresentando-se actualmente restaurada. As suas dimensões são 135 × 75 cm (figs. 15 e 16).

Todo o campo epigráfico (toda uma face do suporte) está ocupado por uma longa inscrição sinistrorsa em espiral, a que as cartelas conferem um formato quadrangular. A inscrição, com signos de cerca de 10 cm de altura, ocupa uma área de 100 × 65 cm.

As cartelas delimitam linhas da inscrição em dois pontos (entre os 30.º e 31.º signos e entre o 51.º e 52.º), mas a análise lexicológica indica que, só no primeiro destes pontos essa delimitação tem correspondência no texto. Trata-se, provavelmente, e em todos os casos, de descuido do gravador, seja por errada estimativa do espaço necessário à gravação dos segmentos de texto significativos (estimativa que seria estranho que tivesse sequer lugar, dada a generalizada falta de separação de palavras nestas inscrições) seja por inadvertido prolongamento dos traços das cartelas que se quereriam apenas acompanhantes do texto.

A magnífica inscrição não levanta dúvidas na transcrição (fig. 17). Apenas o 14.º signo é uma variante única. Identificamo-lo (Correia, 1996) como uma variante de *t(o)*.

A paleografia muito regular tem particularidades interessantes: as hastes de *o* são oblíquas e implantadas muito a meio da haste, contrastando bem com *s*; os traços internos de *t(e)* são agrupados em dois pares; o modelo escolhido para *p(e)* é próximo do signário de Espanca.



Fig. 15 – Inscrição Fonte Velha VI. Museu Municipal Dr. Santos Rocha, Figueira da Foz. Fotografia do Arquivo Nacional de Fotografia.

Fig. 15 – Inscrição Fonte Velha VI. Museu Municipal Dr. Santos Rocha, Figueira da Foz. Fotografia do Arquivo Nacional de Fotografia.

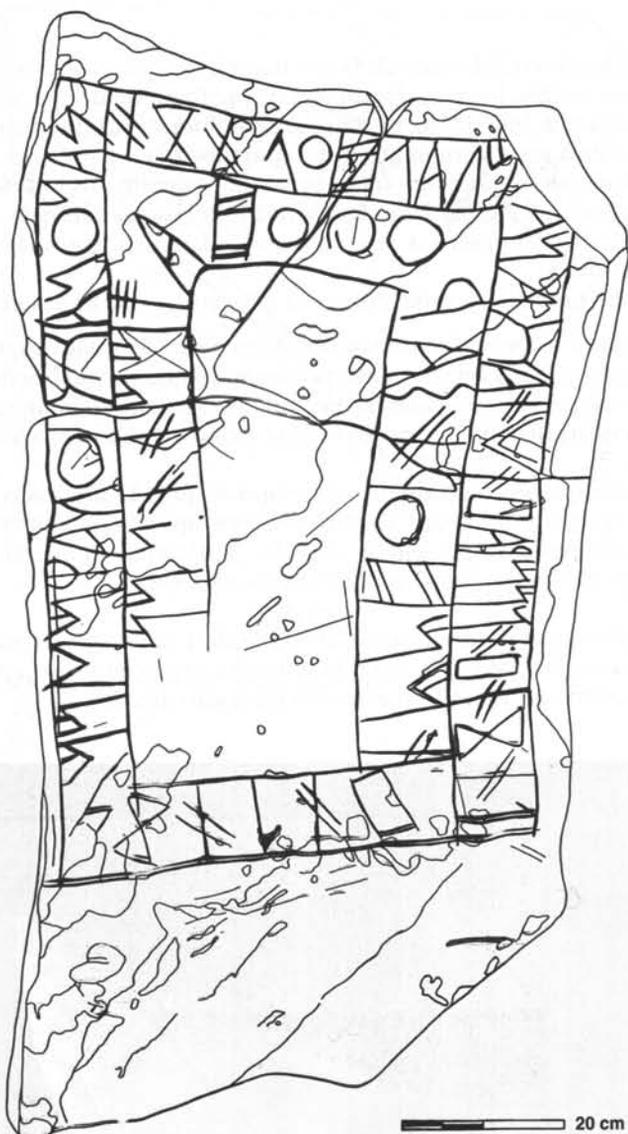


Fig. 16 – Levantamento de Fonte Velha VI (segundo Beirão, 1986).

1 10 20 30 40 50 60 70
I X P P I M P A P P ? F A H A M A M L A N I O R F X F R A N O M A K O L A P M M M P X F I P F M M I O P F S A P O G O I A F M M F F M M

Fig. 17 – Transcrição de Fonte Velha VI (Correia, 1996, s.v.).

2.6. Grafito

Lasca de xisto (do Carbónico de facies marinha?) com 6 x 8 cm (figs. 18 e 19). Tratar-se-ia, originalmente, de um seixo, que foi atingido por várias fracturas (que não afectam a inscrição) e, mais recentemente (as fracturas não estão patinadas) por uma raspagem muito forte, que destruiu a parte superior da peça, e por um movimento de abrasão transversal, que abrange todo o sentido maior da peça e que afecta a legibilidade da inscrição. Pela sua aparência, dir-se-ia que estes danos foram inflingidos à peça aquando da escavação arqueológica em que ela foi recolhida.

A superfície original do seixo conserva dois grupos de traços incisos:

– um, do lado esquerdo, corresponde à inscrição de quatro signos, traçados destrorsamente com um objecto muito pontegudo que picou a pedra, formando pequeníssimas depressões circulares, traçando depois, muito finamente, um risco a uni-las, desenhando assim os signos (o que é especialmente marcante no signo para *t(a)*).

– o outro grupo, do lado direito, é composto por, 1) um traço vertical com um triângulo apenso em baixo e uma espécie de apêndice circular em cima, 2) dois traços curvilíneos unidos em T, deitado, 3) algumas pequenas picotagens. É de traço mais grosso e não faz sentido como inscrição.

Dos quatro signos da inscrição, com cerca de 1 cm de altura, o terceiro não foi completamente traçado, por erro do gravador, apreciando-se apenas a haste vertical de um signo inindentificável (Vd. transcrição, fig. 20).



Fig. 18 – Grafito da Fonte Velha de Bensafrim. Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa. Arquivo Nacional de Fotografia.



Fig. 19 – Levantamento do grafito da Fonte Velha.

XM?A

Fig. 20 – Transcrição do grafito da Fonte Velha.

3. Os Textos

3.1. Critérios de leitura

A delimitação do signário da escrita do Sudoeste vai ainda sendo uma questão em aberto, apesar de avanços consensuais (Correa, 1996). Seguimos aqui a nossa proposta (Correa, 1996, p. 33-45 e 50) que, por comodidade, resumimos no quadro 3.

Esta proposta diverje do consenso anterior (Correa, 1986; Hoz, 1987; Untermann, 1995; Correa, 1996), no que diz respeito aos signos para *m* (...), para *t(a)* e *t(e)* e para *b(a)* (enquanto distinto de *p(a)*). De importância muito variável para a compreensão dos textos pré-latinos de Bensafrim, as consequências destas hesitações são analisadas ponto-a-ponto, sendo estas, todavia, de relativamente pouca monta no caso específico de Bensafrim.

3.2. A análise lexicológica

Na ausência de separação de palavras, o que é de regra nas inscrições do Sudoeste, o processo de isolamento dos lexemas nelas utilizados é muito problemático, tendo de basear-se nas recorrências de lexemas em mais do que uma inscrição (caso da fórmula) ou na mais imediata semelhança com outros testemunhos linguísticos (casos de antropónimos que sobrevivam à época

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	
1	Α	Ϟ	Λ	Δ	ϣ	χ	ι	ς	ϣ	ϛ	Μ	×	ϣ	ο	Ϟ	Ϟ	Π	Γ	Ϟ	Ϟ	ϣ	↑	ϛ	↑	ϛ	ϛ	
2	Α	Ϟ	Λ	Δ	ϣ	ϛ	ι	ς	ϣ	ϛ	Μ	×	ϣ	ο	ϛ	Ϟ	ϛ	Ϟ	Ϟ	Ϟ	ϣ	↑	ϛ	↑	ϛ	ϛ	
3	ϵ				ϣ		ς				ϛ									ς		ϣ					
4	Λ	Α	Α	Δ	ϣ	χ	ι	ς	ϣ	ϛ	Η	ϣ	Σ			ϛ	ϛ]		ϛ	
	a	p(e)	k(a)	t(o)	l	k(e)	l	p(a)	n	s	m(o)	s	t(a)	u	e	m(a)	t(i)	t(e)	p(o)	r	k(i)	m(e)	p(i)	o	b(a)	m(i)	k(o)

Signário do Sudoeste e suas variantes (segundo Correia, 1994, p. 31, completado e modificado). 1 – signário de Espanca, 2 – signário comum nas lápides do Sudoeste, 3 – variantes frequentes no Alentejo, 4 – variantes específicas do Algarve.

romana). A segmentação, no entanto, é sempre argumentável: dificuldades de leitura e falhas do campo epigráfico dificultam a definição de segmentos completos; a idêntica natureza dos textos (sepulcrais, todos, ou quase) reduz o material à disposição; por último, existem morfos nestas inscrições que é frequentemente difícil atribuir a lexemas concretos, tanto podendo tratar-se de sufixos de um como de prefixos de outros. O conjunto destas dificuldades constitui um obstáculo maior ao avanço dos estudos sobre estas inscrições, que se têm debruçado mais sobre a fórmula e menos sobre o conjunto dos textos.

Teoricamente, os lexemas são isoláveis pelo seguinte processo:

1 – Verificando a existência de segmentos idênticos (ou com evidentes variantes consistindo num único signo) e isolando-os como elementos do léxico (casos dos elementos da fórmula e de outros).

2 – Verificando que em posição relativa invariável com estes se encontram outros elementos (normalmente de menor dimensão) e isolando estes e outros que, posicionalmente, se comparem com os primeiros.

3 – Isolando todos os inícios seguros das inscrições, até ao ponto onde se verifique a existência de qualquer um dos elementos referidos anteriormente.

4 – Isolando todos os segmentos, ou elementos entre aqueles antes referidos.

Apresentámos uma primeira tentativa sistemática (Correia, 1996, p. 157-162), mas é verdade que o sistema tem tanto de impressionante nos seus resultados, como, por vezes, de decepcionante. Há inscrições que não se segmentam de todo, enquanto noutras a análise é conduzida a níveis de particularismo que fazem duvidar da adequação do método. (Correia, 1996, p. 72-73)

Todavia, sustentamos a posição da sua validade, e parece-nos que ele deve ser sistematicamente aplicado desde que para tal existam condições apropriadas: textos com uma extensão preservada digna desse nome; inexistência de dificuldades maiores de leitura; conjunto coeso de textos, seja pela cronologia (que é um aspecto sistematicamente negligenciado nestas inscrições que continuam a ser encaradas como produzidas num curto espectro cronológico) seja pela proximidade geográfica. Bensafrim é, sem dúvida, o melhor conjunto para levar a cabo esta análise.

Dividimos os vários segmentos em três categorias: incompletos ou irreconstituíveis (numerados com algarismos árabes, precedidos de FV – Fonte Velha – do número convencional da inscrição e da letra A), elementos da fórmula, variantes incluídas (numerados da mesma forma, mas com a letra B) e outros elementos do léxico (que numeramos, não precedendo de qualquer letra, só com as indicações da epígrafe). Como estes elementos do léxico têm frequentemente um aspecto compósito, ou porque essa evidente composição se repete em outras inscrições, desdobramo-los quando é caso disso (1.1, 1.2, etc.).

Os quadros 4 a 9 resumem a nossa análise.

QUADRO 4

Ref. ^a	Lexema	Comentário
FV-I-A1	a.?.?.p(i)?.o.n.l.n.a ...	O elemento, lacunar e com dificuldades de leitura, não é analisável.
FV-I-A2	... m(o).a.t(e).u.e.s.t(e).e	O elemento, lacunar, não é analisável, mas vd. Untermann, 1987, p. 39, para <i>t(e)</i> .
FV-I-B1	p(a).a.r.e	Primeiro elemento da fórmula. Correia, 1996, p. 159. Em geral sobre a fórmula, Correa, 1985, <i>passim</i> .
FV-I-B2	n.a.m(o)	Segundo elemento da fórmula. <i>Idem, ibidem</i> .
FV-I-B3	k(e).e.n.i	Variante do terceiro elemento da fórmula. <i>Id.</i> , p. 158. Hoz, 1987, p. 534.

Análise lexical de Fonte Velha I.

QUADRO 5

Ref. ^a	Lexema	Comentário
FV-II-A1	... t(e).e.t(e).u.i.u.u.r	A reduzida extensão permite apenas verificar que uma construção idêntica existe nas inscs. n.º 4, 27 e 71. Correia, 1996, p. 160.
FV-II-1	k(e).e.o.t(e).r	Lexema que compõe antropónimos em âmbito meridional, com ligeiras variantes (<i>eiKeTaR</i> , <i>TalauKieTeR</i> . Faria, 1991, p. 85 e 88). Correia, 1996, p. 160.
FV-II-2	k(a).a.m(o).n.? ...	Lexema problemático ¹ . <i>Idem</i> , p. 49 e 160.
FV-II-A2	... k(a).e.t(e).a.e.o.l.e	O elemento, lacunar, não é analisável. Repetirá, com variantes, o elemento FV-II-1?
FV-II-A3	a.a.l.a	Lacunar, mas demonstra a repetição de um elemento (prefixo) muito comum. Correia, 1996, p. 157.

Análise lexical de Fonte Velha II.

¹ Se o signo é *m(o)* a leitura deste antropónimo (?) é difícil. Se é *r*, vibrante temos *k(a).a.r.n...* (como em *Carneus*), mas perdemos outras boas identificações e uma séria vocálica que nos parece muito segura. Sendo este signo *m(o)*, temos o mesmo elemento (com formação em *-ir*) nos antropónimos da série de *Camira* (Albertos, 1976, p. 78) e um possível paralelo em *Camenio* (com formação em *-en*) enquanto nas lápides do Sudoeste teríamos a formação em *-on*. (Correia, 1996, p. 49). Encontra-se também na insc. n.º 19.

QUADRO 6

Ref. ²	Lexema	Comentário
FV-III-1	t(a).o.p(e).e.l.i.n.l	Antropónimo feminino? Correia, 1996, p. 160.
1.1	t(a).o.p(e)	Lexema próprio do SO, que parece ocorrer ainda em Bensafrim, mas em forma composta.
1.2	e.l	Formação em <i>-el-</i> , existe também na insc. n.º 60. Correia, 1989, p. 248
1.3	i.n.l	Sufixo em <i>-in</i> . Formação de nomes femininos como em ibérico? Untermann, 1986. Para <i>n.l.v.d.</i> FV1-A-1.
FV-III-2	m(e).n.p(i).k(i).i.k(o).u.o.i.r	Antropónimo (?) de formação complexa.
2.1	m(e).n	Lexema existente na zona meridional, como em <i>Maenoba?</i>
2.2	p(i).k(i)	Pode corresponder a um fonético <i>biki</i> , elemento comum, em ibérico, na formação de antropónimos. Untermann, 1987, p. 300.
2.3	i.k(o).u	Pode corresponder a um fonético <i>-ico-</i> , formador de designações supra-familiares na área celtibérica ² .
2.4	o.i.r	Sufixo antroponímico comum no Sudoeste (Correia, 1989, p. 246).
FV-III-3	a.u.a.r.p(a).a.?	Palavra que ocorre por vezes. A sua formação é complexa. Correia, 1985, p. 391; Untermann, 1995, p. 251
3.1	a	Prefixo comum.
3.2	u.a.r	Elemento recorrente
3.3	p(a).a.?	Terminação, infelizmente de leitura incompleta.
FV-III-4	t(i).i.r.t(o).o.s	Antropónimo com paralelos ibéricos/celtibéricos (<i>Tirtus</i>). Albertos, 1976, p. 86; Untermann, 1995, (18)
FV-III-B1	n.e.p(a).a	Elemento prévio da fórmula
FV-III-B2	n.a.m(o)	Segundo elemento da fórmula
FV-III-B3	r.m(e).e.n.i	Elemento final e alternativo da fórmula

Análise lexical de Fonte Velha III.

QUADRO 7

Ref. ²	Lexema	Comentário
FV-V-1	S.u.t(o).u.i.r.e.a	Antropónimo. Correia, 1989, p. 247; Untermann, 1995, (15).
1.1	S.u.t(o)	Lexema próprio do Sudoeste.
1.2	u.i.r	Correia, 1989, p. 246.
1.3	e.a	Correia, 1989, p. 247.
FV-V-B1	p(a).a.r.e	Primeiro elemento da fórmula.
FV-V-B2	n.a.?.m(o)	Variante (hapax?) do segundo elemento da fórmula.
FV-V-B3	k(e).e.n.t(i).i	Terceiro elemento da fórmula.

Análise lexical de Fonte Velha V.

² A identificação de k(o) é, todavia, polémica. Correia, 1996, p. 39 e 44.

QUADRO 8

Ref. ^a	Lexema	Comentário
FV-VI-1	l.o.t(a).o.p(o).o.n.i.i.r	Correia, 1996, p. 159.
	1.1 l.o.t(a).o.	Lexema próprio do Sudoeste?
	1.2 p(o)	Hoz, 1987, p. 536.
	1.3 o.n.i	Terminação de antropónimos.
	1.4 i.r	Terminação de antropónimos. Correa, 1989, p. 246.
FV-VI-2	a.p(o).o.t(o).o.a.m(o).a.i.a.i	Antropónimo (?) de formação complexa.
	2.1 a	Prefixo comum. Correia, 1996, p. 157.
	2.2 p(o).o.t(o).a	Antropónimo que sobrevive até à época romana (<i>Boutus/Boddus</i>). Correa, 1989, p. 250.
	2.3 m(o)	Morfo que existe aqui e na insc. n.º 19, em posição idêntica.
	2.4 a.i.a.i	Elemento, reduplicado, que surge em posição idêntica a -ar na insc. n.º 19. Correa, 1989, p. 248; Untermann, 1987, p. 39-40.
FV-VI-3	k(a).a.l.t(e).e	Também na insc. n.º 48, logo antes de elemento idêntico a B1. Correia, 1996, p. 158.
FV-VI-C1	l.o.t(a).o	Elemento antropónimo não flexionado. <i>Id.</i> p. 159.
FV-VI-B1	n.a.n.e	Elemento da pré-fórmula.
	1.1 n.a.n	Existe também na insc. n.º 37. (Correia, 1996, p. 159).
	1.2 e	Morfo flexional?
FV-VI-B2	n.a.m(o).e	Variante do segundo elemento da fórmula.
	2.1 n.a.m(o)	Segundo elemento da fórmula.
	2.2 e	Morfo flexional?
FV-VI-4	k(a).a.k(i).i.s.i.i.u	Antropónimo?
FV-VI-5	t(a).o.l.o.p(o).o.i.i.t(e).e.r.o	Antropónimo? Correia, 1996, p. 159.
	5.1 t(a).o.l.o.	Mais provavelmente um erro, por l.o.t(a).o.p(o).o.
	5.2 p(o).o	Cf. supra VI-1 (1.1).
	5.3 i.i	Morfo flexional?
	5.4 t(e).e.r.o	Terminação comum.
FV-VI-B3	p(a).a.r.e	Primeiro elemento da fórmula.
FV-VI-6	p(e).e.t(e).a.s.i.i.o.o.n.i.i	<i>Origo?</i> Correia, 1996, p. 158; Untermann, 1995, (3).
	6.1 p(e).e.t(e).a.s	Elemento com paralelos em ibérico (betar, beteS). Untermann, 1987, p. 300.
	6.2 i.i	Morfo flexional?
	6.3 o.o.n.i.i	Correa, 1985, p. 391; Hoz, 1987, p. 534-5.

Análise lexical de Fonte Velha VI.

QUADRO 9

Ref. ^a	Lexema	Comentário
FV.G.1	t(a).l.2.a	Elemento antropónimo (?), que pode estar presente noutra inscrição de Bensafrim (FV-VI-5), cujo radical é conhecido no período romano (Albertos, 1976, p. 85) e em toponímia (<i>Talabriga</i>).

Análise lexical do grafito da Fonte Velha.

3.3. Os formulários

A articulação destes elementos nas inscrições é uma finalidade essencial do seu estudo, porque se trata aqui de uma finalidade essencialmente arqueológica, a da definição, senão do significado exacto de um determinado formulário, do estabelecimento de uma determinada relação gravador/inumado. Por mais vaga que essa relação seja, é um elemento crucial da ideologia do ritual funerário.

Também neste ponto, nos parece muito importante concentrar a análise em conjuntos coesos de textos e, também por isso, Bensafrim é um caso excepcional.

Duas inscrições de Bensafrim (quadro 10) são exemplo da existência do formulário simples, que se reconstitui, normalmente, como Identificação do inumado + Fórmula.

QUADRO 10

N.º	Identificação	Fórmula
13	S.u.t(o).u.i.r.e.a	p(a).a.r.e n.a.m(o) k(e).e.n.t(i).i
9	?, ?	p(a).a.r.e n.a.m(o) k(e).e.n.i

Inscrições de estrutura simples de Bensafrim.

A inscrição n.º 9, ainda que não permita a decifração dos antropónimos revela que se trata de uma composição bimembre, de que existem outros exemplos em Bensafrim, e não só, de que se reúnem alguns exemplos no quadro 11.

Uma interpretação possível para estas identificações bimembres é a de se tratarem de composições Indivíduo + Filiação, mas os casos que recenseámos acima (sempre dentro daqueles muito seguros), alertam para a hipótese de mesmo essa composição não ser feita segundo moldes rígidos, dado o facto de sufixos idênticos surgirem tanto no primeiro como no segundo membro.

Fonte Velha III e Fonte Velha VI, são inscrições de uma grande complexidade estrutural, para além da própria antroponímia.

QUADRO 11

N.º	1.º	2.º membro
9	a??p(i)?o.n.l.n.a....	...m(o).a.t(e).u.e.s.t(e).e
11	t(a).o.p(e).e.l.in	m(e).n.p(i).k(i).i.k(o).u.o.i.r
15	l.o.t(a).o.p(o).o.n.i.i.r	a.p(o).o.t(o).a.m(o).a.i.a.i
15 (#2)	k(a).a.k(i).i.s.i.i.u	t(a).o.l.o.p(o).i.i.t(e).e.r.o
17	u.a.r.t(e).o.n.i.r	S.a.r.u.n.e.e.a.

Identificações bimembres em inscrições do Sudoeste.

A estrutura destas duas inscrições, que podemos considerar “simétricas” (quadro 12) inclui, todavia, lexemas que, ainda que recorrentes, são herméticos quanto ao seu significado. Tal hermetismo estende-se concomitantemente à inscrição no seu todo.

Não obstante, a última parte de Fonte Velha VI, admitindo-se que aí se identifica um 2.º indivíduo, levanta ainda uma questão interessante no que diz respeito à própria articulação interna da fórmula das inscrições do Sudoeste em geral.

QUADRO 12

N.º	Identificação	Lexema (função ind.)	Lexema (NP)	Lexema (Pré-fórmula)	Fórmula (B2)	Lexema ou Sintagma
11	Dois antropónimos compostos	a.u.a.r.p(a).a	t(i).i.r.t(o).o.s	n.e.p(a).a	n.a.m(o)	r.m(e).e.n.i
15	Dois antropónimos compostos	k(a).a.l.t(e).e	l.o.t(a).o	n.a.n.e	n.a.m(o).e	2.º indivíduo (?)

Estrutura complexa das inscrições de Bensafrim.

4. Conclusões

Existiu na Fonte Velha de Bensafrim um local habitado durante a I.a Idade do Ferro cujos habitantes, conhecedores da escrita que chamamos “do Sudoeste”, produziram e implantaram epitáfios monumentais nas sepulturas de alguns dos seus membros. Nada conhecemos, directamente, destes habitantes, pois a arqueologia só nos deu, até hoje, achados dispersos e contextos arqueológicos perturbados ou secundários. Da I.ª Idade do Ferro de Bensafrim, tudo o que conhecemos é, portanto, a epigrafia propriamente dita.

As epígrafes sidéricas de Bensafrim distinguem-se pelo estilo dos monumentos. Distinguem-se também pelo simples facto da sua concentração, que é vulgar, fenómeno que já foi analisado e devidamente valorizado (Correia, no prelo).

Esta concentração permite, entre outras abordagens, uma análise dos formulários, pois conservam-se em estado muito bom dois grandes textos e um pequeno, e em estado mau, mas ainda identificável, um outro texto de média extensão, e estes textos têm uma característica unitária: a proveniência geográfica comum.

É identificável nestes textos um conjunto de lexemas que devem identificar o inumado. Baseia-se esta asserção no pressuposto de que uma lápide funerária se refere sempre ao indivíduo sepultado no local. A formação dos antropónimos, que parece ser feita por aglutinação de sucessivos sufixos, levanta questões linguísticas muito interessantes, pois parecem estar presentes contributos propriamente locais, outros meridionais e outros ainda ibéricos ou celtibéricos, mas não é esse o campo de investigação deste trabalho.

A estrutura dos formulários de Bensafrim é muito complexa.

QUADRO 13

N.º	Identificação	Fórmula	Fórmula (B2)	Fórmula (B3)
–	NP	p(a).a.r.e	n.a.m(o)	Var.
48	i.r.u.a.l.t(e).u.s.n.e.l		n.a.m(o)	k(e).e.n.t(i).i
41	o.o.m(o).o.i.r		n.a.m(o)	k(e).e.n.p(i).i
11	Identificação + Sintagma intercalar		n.a.m(o)	r.m(e).e.n.i
15	k(a).a.k(i).i.s.i.i.u	p(a).a.r.e		p(e).e.t(e).a.s.i.i.o.o.n.i.i
15(#2)	t(a).o.l.o.p(o).i.i.t(e).e.r.o			

Variantes do formulário das inscrições do Sudoeste.

Existem aí inscrições cuja estrutura é composta por identificação e fórmula. Esta fórmula, no entanto não é um bloco invariável: não só inclui variantes (que já foram apontadas como sendo flexionais), como também se demonstra que é segmentável (nomeadamente em formulários regidos por *n.a.m(o)* e formulários regidos por *p(a).a.r.e*).

Dois textos de Bensafrim intercalam, entre a identificação e este formulário, um sintagma composto por lexema (função ind.)/lexema(NP?)/lexema (pré-fórmula). A isto segue-se uma variante da fórmula (regida por *n.a.m(o)*). Num caso, todo este segundo segmento corresponde à identificação de um indivíduo e respectiva variante da fórmula (regida por *p(a).a.r.e*) que, no entanto, não parece poder ser interpretado como uma dupla inscrição, destinada a uma sepultura dupla (por exemplo). Tratar-se-á, mais provavelmente, de um caso em que um indivíduo *2 (+formulário *2) desempenha um papel indeterminável (no actual estado do deciframento) no formulário °1 do indivíduo °1.

Parece, em suma, possível sustentar que a estrutura dos textos de Bensafrim utiliza, por um lado, antropónimos (simples ou compostos) e, por outro, elementos rituais (chamemos assim à fórmula) mas que, em alguma medida, a antroponímia de indivíduos terceiros pode substituir os elementos rituais.

Uma explicação para este facto poderá ser a de que a fórmula ritual das inscrições do Sudoeste corresponda a um honorífico funcional, sendo tal explicação independente do facto de a variante *k(e).e.n.i.i/k(e).e.n.t(i).i* ser uma flexão verbal (referência ao exercício de função) ou uma variante substantiva (referência a diferentes papéis funcionais). A possibilidade de substituição deste honorífico funcional por referências antroponímicas conduziria à conclusão que a estrutura destas inscrições está directamente relacionada com as estruturas linhagísticas em que se integravam os indivíduos a que se referem, dando desta forma indicações sobre as linhas de força da estrutura socio-política destas comunidades.

Estas duas conclusões gerais – a situação linguística e a conexão social da estrutura das inscrições – necessitam de uma análise específica de verosimilhança do ponto de vista propriamente linguístico, mas acrescente-se que vêm de encontro à reconstituição dos mecanismos históricos que fizemos recentemente (Correia, 1997), que tenderiam a não ver no Sudoeste a existência de comunidades isoladas, linguística ou culturalmente.

Bibliografia

- ALARCÃO, J. de e ALARCÃO, A. M. (1964) – Vidros romanos do Museu Municipal da Figueira da Foz. *Revista de Guimarães*. Guimarães. 74, p. 79-116.
- ALBERTOS FIRMAT, M. de L. (1976) – La antroponimia prerromana en la Península Ibérica. In *Actas del I Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica*. Salamanca: Ediciones Universidad. p. 57-86.
- ALBERTOS FIRMAT, M. de L. (1979) – La onomástica de Celtiberia. In *Actas del II Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica*. Salamanca: Ediciones Universidad. p. 131-168.
- BEIRÃO, C. M. (1986) – *Une civilization protohistorique du Sud du Portugal*. Paris: De Boccard.
- BEIRÃO, C. M. e GOMES, M. V. (1980) – *A Idade do Ferro do Sul de Portugal. Epigrafia e Cultura*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia.
- BEIRÃO, C. M. e GOMES, M. V. (1985) – Grafitos da Idade do Ferro do centro e sul de Portugal. In *Actas del III Colóquio sobre Lenguas y Culturas Paleohispanicas*. Salamanca: Ediciones Universidad. p. 465-499.
- COELHO, L. (1971) – Incrições da necrópole proto-histórica da Herdade do Pêgo, Ourique. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 3, 5, p. 167-180.
- CORREA, J. A. (1985) – Consideraciones sobre las inscripciones tartesicas. In *Actas del III Colóquio sobre Lenguas y Culturas Paleohispanicas*. Salamanca: Ediciones Universidad. p. 377-395.
- CORREA, J. A. (1989) – Posibles antropónimos en las inscripciones en escritura del SO – o Tartesia. *Veleia*. Vitoria. 6, p. 243-252.
- CORREIA, V. H. (1996) – *A epigrafia da Idade do Ferro do Sudoeste da Península Ibérica*. Porto: Ed. Etnos.
- CORREIA, V. H. (1997) – Um modelo historiográfico para a Idade do Ferro do Sul de Portugal e a sua Arqueologia. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 36. 3-4, p. 41-85.
- CORREIA, V. H. (no prelo) – O desenvolvimento da escrita pré-latina no Sudoeste da Península Ibérica. In *II Congresso de Arqueologia Peninsular*. Zamora, 1996.
- FARIA, A. M. de (1991) – Antropónimos em inscrições hispânicas meridionais. *Portugalia*. Porto. n.s. 11-12, p. 73-88.
- GOMEZ-MORENO, M. (196) – La escritura Bastulo-Turdetana – Primitiva hispanica. *Revista de Archivos, Bibliotecas y Museos*. Madrid. 69, p. 879-970.
- HOZ, J. de (1987) – El desarrollo de la escritura y las lenguas de la zona meridional. In AUBET, M. E. dir – *Tartessos, Arqueologia Protobistórica del Bajo Guadalquivir*. Sabadell. Ausa. p. 523-587.
- HUBNER, E. (1893) – *Monumenta Linguae Ibericae*. Berlin.
- MALUQUER de MOTES, J. (1968) – *La Epigrafia prelatina de la Península Ibérica*. Barcelona: Universidad. (Pub. Eventuales del Inst. Arqueologia y Prehistoria; 12).
- ROCHA, A. dos S. (1895) – Notícia de algumas estações romanas e árabes do Algarve. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 1, p. 291-296 e 327-337.
- ROCHA, A. dos S. (1975) – A necrópole proto-histórica da Fonte Velha em Bensafrim. In *Memórias e explorações arqueológicas. vol. 3: Memórias sobre a Antiguidade*. Coimbra: Universidade. p. 127-141. (Acta Universitatis Conimbricensis).
- ROCHA, A. dos S. (1904) – Estudo sobre um artefacto pré-romano d'ouro descoberto no Algarve. *Boletim da Sociedade Archeologica Santos Rocha*. Figueira da Foz. 1, p. 64-67.
- SANTOS, M. L. E. da V. A. dos (1972) – *Arqueologia Romana do Algarve*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses.
- SCHMOLL, U. (1968) – *Die Sudlustrischen Inschriften*. Wiesbaden: O. Harrassowitz.

- UNTERMANN, J. (1979) – Eigennamen auf iberischen Inschriften. In *Actas del II Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica*. Salamanca: Ediciones Universidad. p. 41-68.
- UNTERMANN, J. (1986) – La gramática de los plomos ibéricos. In *Actas del IV Coloquio sobre Lenguas y Culturas Paleohispanicas*. Veleia. Vitoria. 2-3 [1985-1986], p. 35-56.
- UNTERMANN, J. (1987) – Repertorio antroponímico ibérico. *Archivo de Prehistoria Levantina*. València. 17, p. 289-318. (Homenaje a D. Domingo Fletcher; t. 1).
- UNTERMANN, J. (1995) – Zum stand der Deutung der "tartessischen" Inschriften. In ESKA, J. F.; GRUFFYDD, R. G. e JACOBS, N. eds. – *Hispano-Gallo-Britonica. Essays in honour of Professor D. Ellis Evans*. Cardiff: Un. Wales Press. p. 244-259.
- VEIGA, S. P. M. E. (1891) – *Antiguidades Monumentais do Algarve*. Lisboa: Imprensa Nacional. vol. 4.
- VIANA, A. (1955) – Notas de corografia arqueológica. *Brotéria*. Lisboa. 60, p. 40-49.
- VIANA, A.; FORMOSINHO, J.; FERREIRA, O. da V. (1953) – De lo prerromano a lo árabe en el Museo Regional de Lagos. *Archivo Español de Arqueología*. Madrid. 26, p. 113-138.

